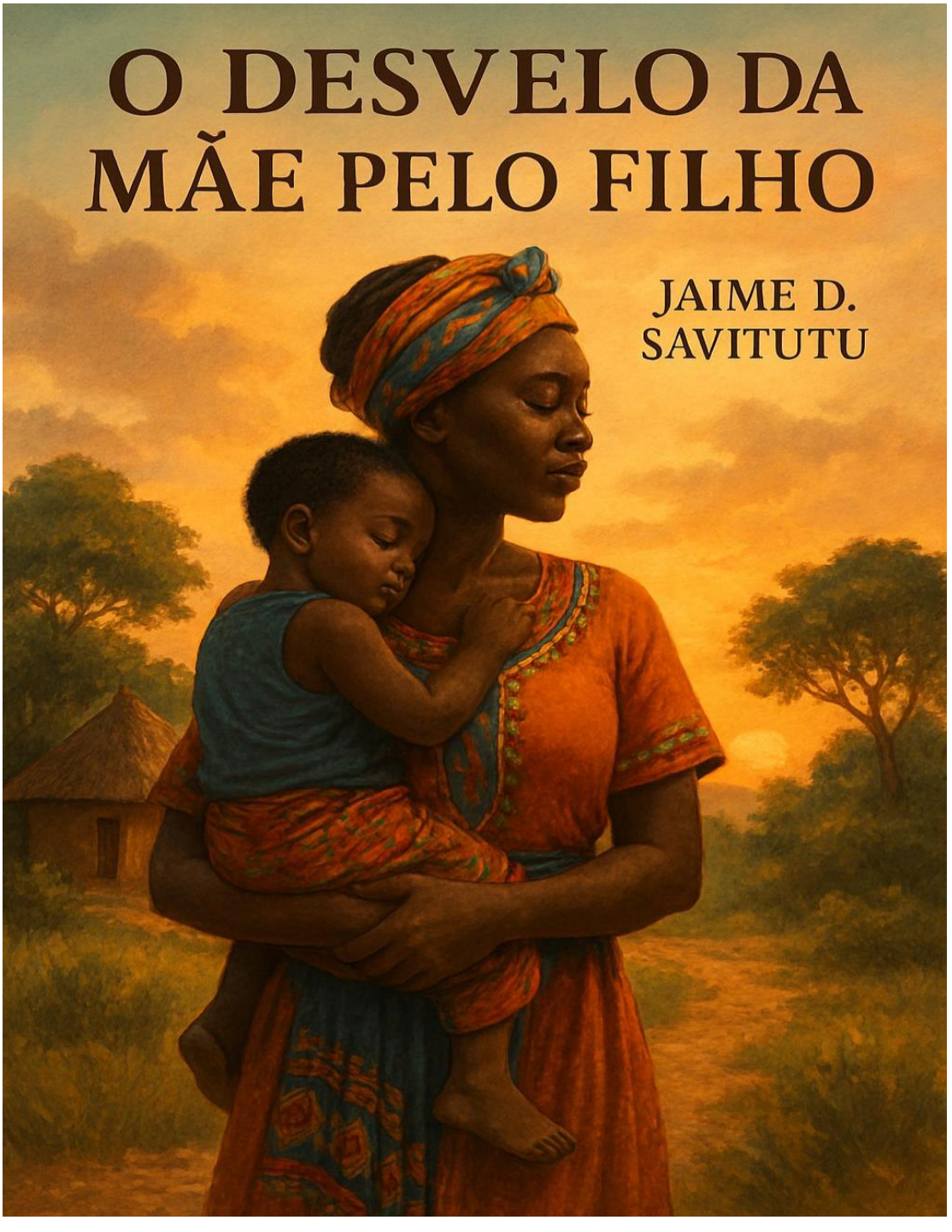
O DESVELO DA MÃE PELO FILHO

JAIME D. SAVITUTU



" O ventre dá a vida, mas é o cuidado quem o transforma"

Autor: Jaime D. Savitutu

Jaime D. Savitutu é escritor angolano e narrador de histórias que celebram o amor, a fé e a força humana. Com uma escrita sensível e inspiradora, dedica-se a transmitir mensagens de esperança e perseverança. O Desvelo da mãe pelo filho é a sua homenagem às mães e ao poder transformador do cuidado e do afeto.

Índice

Agradecimento

Prefácio

Capítulo I: O Desvelo da Mãe pelo Filho

- O amor incondicional de uma mãe;
- O papel da mãe no desenvolvimento emocional;

- A entrega silenciosa e os sacrifícios maternos;
- A ausência da mãe e o impacto no filho;
- Entre madrastas e segundos lares: desafios e esperanças;
- A força transformadora de uma boa madrasta;

Capítulo II: Factores Gerais de Risco Presentes Durante a Gestação

- A saúde física e emocional da mãe;
- Condições socioeconómicas e o bem-estar do feto;
- O impacto de consumo de substâncias na gravidez;
- Riscos genéticos e heranças biológicas;
- A importância do pré-natal e da vigilância médica;

Capítulo III: A Interação de um Filho com a Sociedade

- O papel da família na socialização da criança;
- A influência do meio ambiente no carácter do filho;
- Escola, amigos e referências sociais;
- O impacto das redes sociais na formação dos jovens;
- Valores morais e ética no crescimento do indivíduo;

Capítulo IV: As Funções de um Pai na Família e a Sua Relação com o Filho

- O papel do pai como pilar da família;
- Amor, presença e responsabilidade paternal;
- O pai ausente e os seus efeitos no lar;
- A importância do diálogo e da confiança;
- A construção de um vínculo saudável entre pai e filho;

Agradecimentos

Escrever este livro foi uma viagem de sentimentos, memórias e reflexões. Não teria sido possível sem a presença e o apoio de pessoas muito especiais.

Agradeço, antes de tudo, à minha mãe dona Laurinda Jorge Buale Pedro, cuja dedicação, amor e força foram a inspiração viva destas páginas. Sem o seu exemplo, esta obra não teria alma. Aos meus familiares e amigos, pela paciência e encorajamento, mesmo nos dias em que a escrita parecia não fluir. A todos os leitores, jovens ou adultos, que acreditam no poder da palavra e na importância de preservar o afeto nas relações humanas. Agradeço também a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esta obra se tornasse realidade. Cada gesto, palavra ou silêncio de apoio foi essencial. Este livro é para todos que sabem que o amor de mãe é um farol que nunca se apaga.

Prefácio

Este livro nasce da inquietação de uma alma sensível, da observação atenta de uma realidade que, muitas vezes, permanece negligenciada: a relação profunda entre pais, mães e filhos. A cada página, há um apelo ao cuidado, ao afeto, ao entendimento das responsabilidades que moldam a vida de uma criança desde o ventre até à juventude. O desvelo da mãe pelo filho é uma das formas mais importantes e vitais no convívio familiar. Tal dedicação materna pode moldar o carácter, a sensibilidade e o sentido de responsabilidade de uma criança. No entanto, como qualquer outra, a família enfrenta diversos desafios — sejam eles económicos, religiosos, sociais ou, principalmente, relacionais. Frequentemente, os conflitos entre os membros de um casal têm um impacto direto no equilíbrio familiar, e não raramente, o comportamento inadequado de um filho para com os pais também contribui para esse desequilíbrio.

Falo com base na minha própria experiência, pois também sou filho. E, sendo honesto, reconheço que nem sempre nos comportamos como deveríamos. Ainda

assim, acredito que o papel do filho dentro da família e na sua interação com o meio social merece reflexão.

É com essa intenção que escrevi este livro. Pretendo oferecer ao leitor uma nova perspectiva sobre os comportamentos e relações entre mãe e filho, bem como sobre os desafios vividos no seio familiar e a forma como estes ecoam na sociedade. Que esta leitura desperte empatia, compreensão e um olhar mais atento sobre os laços que nos unem.

Capítulo I

O desvelo da mãe pelo filho

Toda mãe é, por natureza, protetora, cuidadosa, carinhosa e atenta ao bem-estar do seu filho. No entanto, nem todos os filhos reconhecem esse cuidado e dedicação. Muitos acabam por desrespeitar a figura materna, tornando-se escravos dos seus próprios desejos.

Há filhos que, mesmo conscientes das dificuldades financeiras da família, insistem em exigir mais do que os pais podem oferecer. Quando confrontados com a impossibilidade dessas exigências serem satisfeitas, alguns tomam decisões impulsivas e perigosas. Para satisfazer os seus desejos imediatos, recorrem a meios ilícitos — como o roubo — e, em casos mais extremos, enveredam pelo mundo das drogas ou da prostituição.

A mãe é o elemento mais importante para o desenvolvimento e crescimento saudável de uma criança. Por mais que um filho alcance a idade adulta, tenha a sua própria casa e constitua família, dificilmente se tornará completamente autónomo em relação à presença e aos conselhos da mãe — cedo ou tarde, acabará por recorrer aos seus braços.

É profundamente triste e doloroso ver uma mãe sofrer por causa das atitudes impensadas ou insensatas do seu filho. Trata-se da mesma mulher que o carregou no ventre durante nove longos meses, com amor e dedicação; que o criou com esforço e o ensinou tudo aquilo que uma mãe deve ensinar, com a esperança de

que, mais tarde, esse filho seja capaz de compreender que não se pode viver segundo as ilusões e aparências que o mundo nos oferece.

Depois do amor de Deus, está o amor de uma mãe pelos seus filhos — um amor incondicional, puro, constante e insubstituível. A relação entre mãe e filho revela, dia após dia, formas profundas de compreendermos melhor como o indivíduo se relaciona com o meio em que vive. Quando um filho entra na fase de crescimento — especialmente durante a puberdade — atravessa diversas transformações, tanto físicas como emocionais e intelectuais. É por isso que os pais, como pilares da estrutura familiar, devem ser abertos, acessíveis e claros com os seus filhos, orientando-os passo a passo na construção do seu carácter.

Durante a adolescência, as transformações físicas e emocionais podem gerar grande confusão — especialmente no caso das raparigas. É nesse momento que o vínculo com a mãe se torna essencial, funcionando como um elemento-chave para a resolução das suas angústias e dilemas pessoais. A filha sente-se,

muitas vezes, mais à vontade para partilhar com a mãe as suas aflições, dúvidas e medos.

Por outro lado, os rapazes tendem a desenvolver uma ligação mais próxima e activa com o pai, procurando nele um modelo de referência e apoio emocional. Contudo, é comum que muitos adolescentes, por estarem a atravessar esta fase de crescimento, passem a acreditar que são totalmente independentes e capazes de resolver todos os seus problemas sozinhos — o que é, na verdade, um grande equívoco.

Toda casa deve seguir regras, normas e valores que sustentam o bom funcionamento familiar. No entanto, alguns filhos, influenciados pelo ambiente em que estão inseridos, acabam por desrespeitar essas orientações: chegam tarde a casa, passam horas a ver televisão, negligenciam os deveres escolares. Comportamentos como estes comprometem o equilíbrio e a harmonia familiar.

É verdade que cada ser humano tem liberdade para fazer as suas próprias escolhas, mas, como filhos,

muitas vezes tomamos decisões impensadas, que ferem e sobrecarregam os nossos pais. E, ironicamente, depois de causarmos os problemas, ficamos a observar — como sentinelas imóveis — enquanto os nossos pais tentam reparar os danos provocados pelas nossas atitudes.

A educação não se limita ao lar — estende-se também ao convívio social. Cabe à mãe (e ao pai) orientar o filho quanto às suas amizades e alertá-lo sobre com quem deve ou não conviver. Afinal, é através da interação com o meio que um jovem pode absorver comportamentos nocivos e práticas negativas. Um jovem bem educado deve ser capaz de agir com responsabilidade, discernimento e solidariedade ao fazer as suas escolhas e tomar decisões que afectam a sua vida e a dos que o rodeiam.

Nós, jovens, não devemos ser um fardo para os nossos pais.

O stress constante pode originar doenças graves como a hipertensão arterial, que afeta, na maioria dos casos, os adultos. Infelizmente, muitos pais acabam por

desenvolver esta condição devido às preocupações provocadas pelo comportamento desobediente e irresponsável dos seus filhos. Nada desgasta mais do que ver um filho a desrespeitar os princípios familiares.

É essencial que assumamos responsabilidades desde cedo, para que, no futuro, tenhamos capacidade de cuidar dos nossos pais quando estes envelhecerem.

Durante o processo de crescimento, é natural que os jovens procurem modelos a seguir — padrões de personalidade que sirvam como referência e motivação. Muitos escolhem figuras públicas, como cantores, atrizes de novelas ou futebolistas. No entanto, é fundamental que essa admiração não anule os valores transmitidos no seio familiar.

O conselho dos pais para com o filho

Os pais não devem limitar-se a proteger e mimar os filhos. É necessário que também sejam **guias, conselheiros, amigos e pilares de apoio**, oferecendo

a sabedoria necessária para que os filhos aprendam a tomar decisões com responsabilidade.

O diálogo entre pais e filhos pode resolver muitos conflitos. Por terem mais experiência, os pais têm uma visão mais ampla da vida. Muitos jovens enfrentam problemas diversos: escolares, sociais, religiosos... E, nesses momentos, precisam de alguém com quem possam conversar e confiar. Quando não encontram esse apoio, as dificuldades emocionais podem afetar gravemente o seu desempenho escolar e o desenvolvimento pessoal.

Problemas escolares

Quando a mãe não é presente, atenta ou carinhosa, o filho percebe essa ausência de afecto — a falta de mimo, ternura e proximidade. Isso pode levá-lo a sentir desânimo, tristeza e desmotivação. O estado emocional da criança influencia diretamente a sua capacidade de aprender, o que prejudica o seu desempenho escolar.

Problemas sociais

Desde o nascimento, o ser humano é um ser social. Contudo, um dos maiores desafios da juventude é o processo de **integração social** — aprender a adaptar-se, a conviver e a respeitar os outros. Por isso, a relação mãe-filho deve ser constantemente nutrida com uma interação ativa e saudável, ajudando o filho a desenvolver valores como o respeito mútuo e o espírito de entreajuda.

Problemas religiosos

O ponto mais alto da criação divina é o ser humano. Dependendo da religião seguida pela família, a criança pode ter a oportunidade de integrar-se num determinado grupo de fé com o objetivo de demonstrar gratidão e respeito ao Criador. Neste processo, a orientação e o exemplo dos pais são essenciais, para que o filho aprenda a trilhar esse caminho com consciência e sem conflitos.

"O mundo é um lugar onde poucos vivem, e muitos apenas sobrevivem — fruto da inaptidão da consciência humana. O homem torna-se, assim, predador da sua própria espécie."

— Jaime D. Savitutu

Capítulo II

Factores gerais de riscos presentes durante a gestação

O ser humano enfrenta inúmeros desafios ao longo da vida e está sempre sujeito a cometer erros. No entanto, quando se trata da maternidade, não existe verdadeiramente uma mãe cruel — apenas mães que, por vezes, se tornam excessivamente exigentes com os seus filhos e raramente se mostram satisfeitas com as suas ações.

Uma mãe que não consegue cuidar, proteger ou amar o seu próprio filho pode estar a atravessar um período de fragilidade emocional. A incapacidade de zelar pelo filho revela uma luta interna: é alguém que está, antes de tudo, indefesa contra si mesma.

As mulheres, contudo, são muito mais fortes e inteligentes do que muitas vezes pensam. Suportam a dor com uma resistência impressionante. A sua força é alimentada pelas experiências difíceis que enfrentam, e manifesta-se nas palavras de sabedoria, nos instintos de cautela e nos atos realizados com determinação.

Não há nada mais gratificante para uma mãe do que ver o sorriso e a felicidade do seu filho.

Durante a gestação, a saúde física e emocional da mãe é de extrema importância. Caso haja instabilidade emocional, o bebé pode ser diretamente afetado, já que está profundamente ligado à mãe — não apenas pelo corpo, mas também pelas emoções. É neste contexto que surgem os chamados **factores gerais de risco**, que comprometem o desenvolvimento saudável do feto.

As instituições escolares nas nossas sociedades raramente abordam com profundidade os **factores gerais de risco durante a gestação**. No entanto, trata-se de um tema extremamente pertinente, cuja compreensão deveria estar ao alcance de todos, especialmente dos jovens em idade reprodutiva.

Estes factores representam **desafios sérios para o desenvolvimento saudável da criança** e podem, em muitos casos, estar na origem de **deficiências físicas ou cognitivas**, resultantes de **descuidos por parte dos pais**, sobretudo durante o período da gestação. A negligência, a falta de informação ou até mesmo a ausência de acompanhamento médico adequado podem comprometer irreversivelmente o futuro de uma vida que ainda nem começou.

A seguir, apresentamos alguns dos principais factores de risco que devem ser compreendidos e evitados por todos os que se preparam para a paternidade ou maternidade.

Abaixo, listam-se alguns dos principais factores de risco:

---

1. **Descuidos durante a gestação**

Durante a gravidez, qualquer comportamento negligente por parte da mãe pode afetar diretamente o bebé. Isso inclui má alimentação, consumo de álcool, tabaco ou outras substâncias, negligência no acompanhamento pré-natal, entre outros. Uma gestação saudável exige cuidados físicos, emocionais e médicos contínuos.

---

2. **Factores genéticos e infeciosos**

Algumas condições podem ser herdadas geneticamente ou resultar de infeções durante a gravidez — como rubéola, toxoplasmose ou sífilis. Esses problemas podem comprometer o desenvolvimento cerebral,

motor ou sensorial do bebé. É essencial que a mãe faça exames regulares para prevenir e tratar possíveis infeções que ameacem o feto.

---

3. **Falta de paciência e inabilidade para cuidar do filho**

A preparação emocional para ser mãe é tão importante quanto a preparação física. A falta de paciência, de maturidade ou de apoio pode resultar em comportamentos impulsivos ou negligentes que, mesmo que não intencionais, colocam em risco o bem-estar do bebé, tanto durante a gestação como após o nascimento.

---

4. Maus-tratos ao filho

Infelizmente, há casos em que o bebé é alvo de agressões verbais ou físicas ainda no ventre, ou sofre

negligência extrema após nascer. Esse tipo de violência, direta ou indireta, afeta gravemente o seu desenvolvimento emocional e físico. A violência doméstica também é um factor de alto risco, especialmente quando a mãe é vítima durante a gravidez.

---

5. Idade da mãe

A idade materna é um fator importante. Gravidezes precoces (na adolescência) ou muito tardias (acima dos 40 anos) apresentam maiores riscos tanto para a mãe quanto para o bebé. Mães muito jovens, muitas vezes, não estão emocional ou economicamente preparadas para assumir a responsabilidade da maternidade. Já nas idades mais avançadas, os riscos genéticos e físicos aumentam consideravelmente.

Estes factores mostram que o processo de gestação não é apenas biológico, mas profundamente social, emocional e espiritual. Cuidar de uma nova vida começa

muito antes do nascimento. Educar para a maternidade e a paternidade deve ser parte integrante da formação de todos os cidadãos, para que cada criança tenha a oportunidade de nascer num ambiente saudável, seguro e cheio de amor.

A inabilidade do desvelo da mãe pelo filho

É raro encontrar casos em que uma mãe não demonstre desvelo pelo seu filho. De forma natural, todas as mães possuem a habilidade de amar, cuidar e proteger os seus filhos, independentemente das circunstâncias. Ser mãe vai muito além do simples acto de gerar uma nova vida; trata-se de assumir um papel insubstituível e essencial na preservação da humanidade. Infelizmente, vivemos tempos em que muitos filhos têm a audácia de desrespeitar aquelas que lhes deram a vida. As mães lutam incansavelmente para garantir o bem-estar dos seus filhos — trabalham dia e noite, esforçam-se para manter um sorriso no rosto daqueles que mais amam, e fazem de tudo para assegurar não apenas a formação

académica, mas também a formação moral, social e o carácter dos seus filhos.

Surgem então as questões:

Por que motivo há, frequentemente, mais consideração pela mãe do que pelo pai?

Por que razão, na maioria dos casos, os filhos se apegam mais às mães?

A resposta pode estar na profunda ligação emocional que se estabelece desde os primeiros momentos de vida. A presença da mãe é vital para o desenvolvimento afectivo de uma criança. Desde bebé, o filho habitua-se ao calor, ao cheiro e à voz da sua mãe — elementos que lhe transmitem segurança e amor. Não se trata de dizer que o pai é irrelevante; ele também tem o seu lugar e funções específicas na família. No entanto, a figura da mãe é incomparável. Um filho pode até crescer sem a presença do pai, mas a ausência da mãe é, para muitas crianças, motivo de angústia e vazio emocional.

Há mães que enfrentam o duro fardo de verem os seus filhos tornarem-se criminosos, delinquentes ou jovens que vivem à margem da lei. Mesmo conscientes de que os caminhos trilhados pelos filhos são perigosos e destrutivos — verdadeiros labirintos sem saída — essas mães sofrem com uma dor silenciosa e imensa. Não sentem remorso por terem dado à luz, mas sim por não terem conseguido exercer um controlo maior sobre a educação dos seus filhos.

Nesses casos, a mãe torna-se vulnerável, emocionalmente fragilizada, e vive com o constante medo de perder o seu filho. Mesmo perante comportamentos reprováveis, o amor de mãe permanece. É um amor incondicional, que resiste à lógica e à justiça. Muitas vezes, esse amor leva a mãe a esconder os erros do filho, tentando protegê-lo da prisão ou das consequências legais. Pergunta-se: **o que uma mãe não faria para salvar o seu filho?**

O património

Quando se fala em património, geralmente pensamos nas heranças materiais deixadas pelos pais aos filhos — bens, propriedades, objectos de valor. No entanto, há um tipo de herança igualmente importante, embora muitas vezes ignorado: a herança genética.

Nós, filhos, herdamos dos nossos pais diversas características biológicas que fazem parte do nosso ser. Entre elas, estão a cor do cabelo, o formato do rosto, a cor dos olhos — traços congénitos transmitidos naturalmente, ou seja, de forma inata. Contudo, a herança genética não se limita à aparência física. Caso um dos pais seja portador de uma doença de origem patogénica, essa condição pode ser transmitida ao filho e comprometer o desenvolvimento do feto.

Dependendo do tipo de doença, o bebé poderá nascer com algum tipo de deficiência — auditiva, visual, física ou neurológica. Quando o cérebro da criança sofre danos durante a gestação ou no seu desenvolvimento inicial, há uma grande probabilidade de que a sua

personalidade e comportamento venham a ser afectados. Afinal, o carácter de um indivíduo é moldado por influências genéticas, mas também, e fortemente, pelo meio em que está inserido. Com danos neurológicos, mesmo uma pequena mudança de estímulo pode desencadear reacções e comportamentos inesperados. Além da carga genética, o ambiente familiar tem um impacto profundo na construção emocional da criança. Por exemplo, se o pai for uma pessoa extremamente ciumenta, insegura, e constantemente entra em conflitos com a esposa por falta de confiança, esse comportamento cria um ambiente instável. Quando tais actos de violência ou humilhação são presenciados pela criança — especialmente se o pai censura ou agride fisicamente a mãe —, isso pode provocar traumas profundos e permanentes.

A criança, ao observar repetidamente essas cenas, pode desenvolver uma resposta emocional automática face a determinados estímulos. Ou seja, aquilo que vive no seio familiar transforma-se em modelo de

comportamento — negativo ou positivo. Os danos psicológicos causados por essas experiências comprometem o desenvolvimento saudável da criança, reflectindo-se mais tarde na sua forma de se relacionar com os outros e com o mundo.

O amor possessivo da mãe para com o filho

Toda mãe, quando se trata do amor pelo seu filho, manifesta uma qualidade marcante: a modéstia. Elas optam pela desambição, pela gentileza, pela ausência de vaidade, pela simplicidade — e fazem tudo isso com naturalidade. **Mas o que é que uma mãe mais deseja para o seu filho? Ser feliz**.

A mãe, por vezes, ama de forma tão intensa que pode parecer egocêntrica no que toca ao filho, até em relação ao próprio marido. Embora lute para conquistar o amor e a atenção do seu companheiro, há um amor incondicional e profundo que ela reserva exclusivamente para o filho. Não importa o que tenha

de enfrentar, ela fará de tudo para preservar o ânimo, a disposição e o sorriso no rosto daquele que mais ama.

Assim, como qualquer outra, toda mãe é esplêndida. Quer tudo de bom para os seus filhos. A mulher é, e sempre será, um ser profundamente sensível — e, no amor, entrega-se de corpo e alma, sem arrependimentos.

"Dificilmente aceitamos quem somos, e criamos uma personagem falsa da nossa pessoa, isto pela negligência dos nossos próprios actos. Contudo, devemos ser quem somos, e não quem a sociedade quer que sejamos."

— Jaime Savitutu

Capítulo III

A interação de um filho com a sociedade

O planeta Terra, em grande parte coberto por água, é também habitado por uma diversidade imensa de seres humanos. A sociedade pode ser entendida como um conjunto de pessoas unidas por leis, tradições, culturas e valores comuns.

Desde o nascimento, o ser humano torna-se um ser social. No entanto, nos tempos actuais, raramente se fala em inclusão de um indivíduo na sociedade, mas sim em integração — conceitos que, apesar de semelhantes, não são iguais.

Incluir significa aceitar alguém de forma plena e definitiva, independentemente das suas diferenças ou necessidades especiais. Já **integrar** refere-se a aceitar alguém, mas com reservas, de forma cautelosa, como se fosse necessário limitar o seu espaço.

Um jovem, ao interagir com o meio social, precisa desenvolver a sua autoestima. Deve estar convicto da sua identidade e valor. Caso contrário, a falta de autoconfiança poderá provocar dificuldades emocionais, e inclusive alterações na sua estrutura psíquica.

Todas as mães desejam filhos obedientes, respeitadores e, acima de tudo, altruístas. Desde cedo somos educados pelos nossos pais e, ao atingirmos os 3 ou 5 anos de idade, ingressamos numa instituição de ensino, onde começamos a desenvolver competências e construir conhecimento. A partir daí, tornamo-nos parte activa da sociedade.

Muitos dizem ser antissociais, mas sem entender verdadeiramente o que isso significa. Preferem isolar-se em vez de conviver. No entanto, desde os primórdios que o ser humano é um ser social — pois tem família, amigos, relações afectivas. Isolar-se por medo de errar é inútil, porque o erro é inevitável. Estando com pessoas — sejam amigos, colegas ou familiares —, os conflitos e falhas acontecerão. O ser humano é imperfeito e, por natureza, está sujeito a cometer erros.

Vivemos num mundo cruel, onde muitas pessoas caem no hábito de pecar sem se darem conta. Erros repetidos sem remorso tornam-se rotina. Quando alguém já não sente culpa por actos errados, isso revela uma consciência adormecida. Essas pessoas precisam de ajuda e acompanhamento psicológico.

É triste ver alguém dominado por pensamentos insanos apenas por falta de conhecimento e orientação.

Os jovens na sociedade

Existe uma frase bastante conhecida: "Os jovens serão o futuro da nação." Pois bem, mas de que forma nós, jovens, seremos esse futuro? Como é possível vislumbrar um futuro promissor quando vivemos numa sociedade onde muitos lutam apenas para sobreviver? Onde a corrupção se tornou uma prática comum e até "aceitável", sustentando os pilares dos interesses particulares? Onde poucos compreendem o verdadeiro significado de viver, e muitos apenas conhecem a dor de sofrer?

Vivemos numa realidade em que o fraco torna-se forte apenas por resistir, por continuar a lutar mesmo sem garantias. E que futuro nos aguarda quando os nossos sonhos são constantemente roubados por dinastias políticas que se perpetuam no poder? Muitos jovens almejam uma formação, mas não conhecem verdadeiramente o que é estudar. Acabam por ser engolidos por pequenos negócios informais, apenas para conseguir algum valor económico — e, neles, depositam também os seus valores culturais.

Por sorte, muitos de nós ainda têm alguém a quem se apegar, alguém com quem chorar, rir, desabafar nos momentos difíceis — essa pessoa é a **Mãe**.

Nós, jovens, encontramo-nos num mundo profundamente cruel e desorganizado. Um mundo que talvez ninguém consiga mudar por completo, mas que podemos tentar tornar menos pior. Enfrentamos situações que antes pareciam apenas fruto da imaginação, mas que, devido aos pensamentos insanos e às acções maliciosas do ser humano, se tornaram reais. O mundo tornou-se um **parasita**, consumindo

lentamente cada indivíduo — uma sombra que não se desvanece, mesmo diante da luz. A maior parte da juventude do século XXI é egoísta. Agimos por impulso, sem pensar nas consequências. O orgulho e a ganância cegam-nos, e muitos acreditam que a vida só tem valor quando se possui dinheiro. No entanto, a verdadeira riqueza está na **harmonia com o divino** e no **equilíbrio familiar**. Um jovem — ou um filho — que não respeita a sua mãe, que escolhe viver num mundo paralelo, marcado pelo desrespeito e pela ilusão, deixa de ser humano. Torna-se um manipulador da própria mente, escravo dos seus pensamentos negativos, e será inevitavelmente vencido pelos seus próprios actos.

Precisamos de ter uma visão mais ampla, mais profunda — uma visão que os nossos antecessores, infelizmente, não conseguiram alcançar. Não me refiro a como o mundo deveria ser, mas sim a como deveria estar em todos os sentidos da vida. Mas isso será sempre difícil de alcançar, porque **somos nós** quem, muitas vezes, torna o mundo cruel. Em momentos de desespero, deixamos de pensar racionalmente, a mente é

dominada por impulsos obscuros, por sentimentos de repulsa e de ódio. E, nesse estado, somos capazes até de tirar a vida de pessoas inocentes — pessoas que ainda tinham tanto para viver, para sonhar, para realizar. Pior ainda, há filhos que matam as próprias mães… por dinheiro, por fama, ou até por comida. E o mais agravante é que muitos desses jovens **não** são doentes mentais — são apenas escravos dos seus próprios desejos.

Devemos aprender a conquistar as coisas no momento certo, com dignidade e perseverança. Fama, dinheiro e respeito **não são dados de mão beijada**. São frutos do esforço, da dedicação e do carácter. E os jovens que vendem a alma para obter riqueza, status ou poder… esses, lamento dizer, já deixaram de existir.

Relação entre Enteado(a) e Madrasta

Diz-se "mãe" não apenas pelo significado da palavra, mas sobretudo pelos actos de responsabilidade. Devemos respeitar todas as mulheres, pois, na verdade, elas revelam-se muitas vezes mais fortes e

inteligentes do que os homens. Mesmo nos momentos mais difíceis, permanecem optimistas. Uma criança depende — e sempre dependerá — da sua mãe. A mãe é uma **relíquia**, um **tesouro** precioso para o filho. É o resumo de tudo o que há de bom e seguro para uma criança. Por isso, aquelas que se tornam órfãs carregam no coração um enorme vazio. Sentem profundamente a falta dos pais, mas nada podem fazer contra essa ausência. Algumas dessas crianças tornam-se verdadeiras mestres do disfarce — escondem a dor por trás de um sorriso.

É evidente que uma madrasta, por não ter ligação biológica, poderá não desenvolver um amor puro e instintivo pelo enteado. No entanto, pelo simples facto de ser mulher e potencialmente mãe, poderá vir a construir diferentes formas de afecto e cuidado, permitindo que a criança se sinta confortável. À partida, o enteado não a incluirá como mãe, mas sim integrá-la-á com reservas — e isso poderá levar longos anos. Aceitar uma madrasta como figura materna exige um **coração aberto** e, da parte dela, um espírito **altruísta**

e **sensível**. Criar e educar um filho que não nasceu do próprio ventre exige coragem, empatia e competência para tomar decisões determinantes.

Um filho privado da presença da sua mãe vive na escuridão. Chora, não de fome, mas por desejar um simples afago, um abraço terno, o calor do colo materno.

Desde o nascimento, a criança tem três sentidos particularmente aguçados: o olfacto, o tacto e a audição. Logo ao nascer, é colocada nos braços da mãe. Sente-lhe o cheiro, o toque e ouve-lhe a voz. Esses estímulos criam um laço profundo e fazem nascer um instinto de apego. Ao longo do tempo, a criança reconhece outros sinais afectivos e vai-se tornando mais consciente, mais capaz de amar.

Entretanto, em muitas regiões, especialmente nas zonas rurais, as mulheres vivem em condições extremamente difíceis: sem água potável, sem electricidade, sem abrigo digno, sem transporte e, acima de tudo, sem centros médicos. Pergunto: **como**

pode uma mãe cuidar bem do seu filho nestas circunstâncias? E se o filho adoecer, como poderá curá-lo se nem sequer há um hospital que atenda os mais necessitados?

Mesmo assim, estas mulheres **não desistem**. São **guerreiras**, são **trabalhadoras incansáveis**. Acordam ainda no escuro da madrugada, com os filhos às costas, caminham até às lavras, pegam no arado e cultivam a terra durante o dia inteiro, apenas para garantir que a sua família tenha o mínimo para sobreviver. São mulheres cujos interesses não residem na vaidade nem na beleza superficial, mas sim no bem-estar da família. Cumprem com honra os seus deveres como mulheres e como mães.

Elas enfrentam todos os desafios que o mundo impõe ao seu género. Têm o dom de cuidar, de amar, de proteger. Lutam pela sobrevivência da cultura e da tradição do seu povo. Nas zonas rurais, os jovens e adolescentes preocupam-se mais com a agricultura e a criação de gado do que com os estudos. As crianças não frequentam a escola, embora desejem ter uma

formação. O que os impede? A ausência de instituições escolares.

> "**Ninguém suporta viver numa solidão profunda. Por mais que o desejemos, é impossível realizá-lo, pois estamos rodeados pela benevolência da humanidade. Os erros, esses, são inevitáveis.**"
>
> ***— Jaime D. Savitutu***

Comportamentos entre Enteado(a) e Madrasta

Quando uma criança fica apenas aos cuidados do pai, após a morte da mãe, surgem inevitáveis consequências emocionais. O luto pode afectar a sua forma de ver o mundo e de se relacionar com os outros. É certo que podemos perder bens materiais — dinheiro, um relógio, uns sapatos bonitos — e voltar a recuperá-

los. Mas perder alguém que amamos profundamente, como uma mãe ou um pai, **não tem retorno**. Quando isso acontece, parece que a vida perde o sentido, parece que **metade da nossa identidade desapareceu** com essa pessoa.

Um(a) filho(a) que perde a mãe vive, por um tempo, embriagado de dor e angústia. E embora seja comum que o pai, com o tempo, procure uma nova companheira para não viver na solidão, essa decisão pode gerar **sequelas** na relação entre enteado(a) e madrasta.

A reacção da criança dependerá da **educação que recebeu** e do seu **estado emocional** após a perda. Esses factores determinarão a forma como ela responde — positiva ou negativamente — à presença da nova figura materna.

Se me acontecesse, gostaria de ter uma madrasta simpática, honesta, **altruísta**. E acredito que tu também quererias o mesmo. Porque, convenhamos, é muito complicado ser educado por uma mulher

desconhecida que, de repente, passa a ser chamada de "mãe". Tudo dependerá do **carácter dessa mulher**, da sua capacidade de respeitar o luto da criança e, acima de tudo, de **manter a harmonia e a união da família**.

Uma boa madrasta

Uma boa madrasta é antes de tudo conciliadora, altruísta e sensível à realidade que a rodeia. Deve agir com ternura e firmeza, alimentando a sua família com amor, união e equilíbrio. Deve ser a luz que dissipa a tristeza e o desespero quando estes ameaçam consumir a alegria de seus filhos. O seu papel, embora desafiador, deve ser desempenhado com um amor incondicional — um amor que não se impõe, mas que se revela aos poucos, sincero e duradouro.

Ser madrasta é, por si só, um gesto de solidariedade: é aceitar e assumir a responsabilidade por uma criança que não foi gerada no seu ventre, mas que passa a habitar o seu coração. Uma verdadeira madrasta oferece tudo o que está ao seu alcance para conquistar a confiança desse filho que lhe foi confiado pela vida.

Ela não substitui a mãe biológica, mas assume um novo papel — o de presença cuidadora, amorosa e constante.

Uma boa madrasta, enquanto dona de casa e figura materna, precisa ter um coração capaz de acolher. Precisa compreender que ser mãe vai muito além da maternidade biológica: é abraçar uma vida que depende de si, é transformar o vivido em ensinamento, o afeto em refúgio e o lar num espaço de paz. Quando uma mulher gera um filho, a sua vida muda por completo. O abstrato dá lugar ao concreto, e a realidade da maternidade impõe-se como uma escola permanente, feita de desafios e de amor.

Será assim tão difícil cuidar e proteger alguém? A resposta pode parecer complexa, mas, na verdade, basta uma decisão: amar. Basta ter consideração, respeito e carinho pelo próximo. Infelizmente, muitas madrastas são mal interpretadas — talvez pelas más ações de algumas — e isso acaba por manchar o valor do seu papel. Contudo, a madrasta que decide amar o filho do seu companheiro, deve fazê-lo com o mesmo

amor, a mesma dedicação e o mesmo carinho que dedica aos seus próprios filhos.

Ela deve integrar o enteado como parte de si, sabendo que, no início, haverá timidez, dúvidas e receios. Afinal, é estranho chamar de mãe uma mulher que não gerou aquele filho. Ainda assim, é possível construir uma ligação afetiva sólida, sustentada em gestos simples, como a escuta atenta, o abraço oportuno e a presença constante.

Para a criança, ter uma madrasta não é, em si, um problema. O verdadeiro desafio está na impossibilidade de recuperar o mimo e o aconchego que recebia da sua mãe. Não poder mais ouvir aquela voz doce que acalmava o coração, nem sentir aquele abraço forte que curava qualquer dor, é uma ausência que dói no mais íntimo do ser. E, com essa dor, surgem as frases que nascem do arrependimento: "Se eu soubesse..." — Se eu soubesse, teria passado mais tempo com ela. Se eu soubesse, teria escutado com mais atenção as suas palavras. Se eu soubesse, teria dito o quanto a amava.

Uma criança, mesmo diante da perda e da dor, continua a ser criança. E, nessa condição, tem o direito de ser bem cuidada. Uma boa madrasta deve, portanto, agir com paciência e sabedoria, construindo lentamente uma ponte de confiança. Deve estar presente nos momentos importantes, oferecer carinho nos gestos e acolhimento nas palavras. Deve despertar na criança o desejo de viver bem e de ser amada. Uma boa madrasta, mesmo sem querer, torna-se um porto seguro. Onde quer que esteja, o amor acompanha-a. Os filhos sentem-se seguros ao seu lado. Encontram nela calma, alegria e, acima de tudo, paz. Paz essa que alimenta a esperança e fortalece os alicerces de uma família: o amor, a união e a compreensão mútua.

Onde não há paz, não há vida; onde não há esperança, não há futuro. Por isso, uma madrasta deve ser, para a criança, a renovação da esperança — a prova viva de que o amor materno não desaparece com a morte, mas pode ser reacendido, ainda que de forma diferente, através da ternura e da entrega sincera de uma nova figura materna.

O bom ambiente familiar

Uma das formas mais significativas para que a criança aprenda o verdadeiro sentido do amor e do carinho é por meio de um bom ambiente familiar. Este ambiente saudável estimula o ânimo da criança e sustenta o seu processo de ensino e aprendizagem. A criança torna-se mais forte e feliz quando existe equilíbrio no seio da sua família. O que mantém um lar unido é o amor — esse laço invisível, mas profundamente resistente, que une os corações e fortalece os lares. A confiança mútua entre os membros da família transforma o amor em algo grandioso, duradouro e inspirador.

Quem tem a bênção de viver num bom ambiente familiar deve lutar com todas as forças para preservar essa união, esse amor e essa harmonia, para que jamais se extingam. Onde há alegria e compreensão, a presença do sagrado — ou do divino — nunca falta. Muitos desejam um ambiente assim, mas poucos realmente o têm.

"Na vida tropeçamos por falta de percepção; mergulhamos num poço sem saída pelo desejo da fama, por querer ser reconhecidos sem termos feito nada crucial. E o que mais nos consome é a distração e a ilusão de um mundo criado pela nossa própria imaginação."

_Jaime Savitutu

Capítulo IV

As funções de um pai na família e a sua relação com o filho

Tal como qualquer empresa tem o seu líder, também uma família precisa de um alicerce firme. O pai representa esse pilar — o centro que acolhe os problemas da família e procura soluções com sabedoria e equilíbrio.

O pai deve proteger, amar, cuidar e estar presente nos momentos mais importantes. De que vale dizer que se tem uma família se não se está verdadeiramente envolvido com ela? Muitos preferem dar prioridade às amizades supérfluas e esquecem-se da sua própria família — as únicas pessoas que verdadeiramente os amam, mesmo que nem sempre o demonstrem. O amor e a união familiar são incondicionais, tal como o amor de uma mãe.

Um pai não é apenas um provedor financeiro. Se pensarmos que a única função do pai é sustentar a casa, estaremos muito enganados. E como ficam as famílias cujos pais estão desempregados? Serão eles menos pais por isso?

Um pai que, mesmo sem condições financeiras, permanece firme ao lado da sua família, demonstrando humildade, compreensão e responsabilidade, é rico de amor e de valores. Muitos, no entanto, abandonam os seus lares à procura de melhores condições, sem perceber que a sua presença é, muitas vezes, mais valiosa que o sustento material.

Há pais tão ausentes que causam desestruturação emocional na família. Outros, afundados em vícios como o álcool ou o jogo, perdem-se em si mesmos, negligenciando completamente o bem-estar dos seus filhos. Tornam-se violentos, transformam o lar num lugar de medo e desespero, e esquecem o papel que deveriam cumprir com dignidade.

O filho deve sentir-se livre e à vontade na presença do pai. Quando se sente oprimido, retraído e com medo, é sinal de que algo está profundamente errado. O pai deve ser um espelho — um modelo motivador, um exemplo de integridade, um verdadeiro guia. Ser pai é ser farol em dias de tempestade, é ser abrigo, é ser esperança.

Sabemos que, em muitas famílias, o pai não dedica sequer metade do seu tempo para estar com o filho. Este fenómeno, infelizmente, é mais frequente entre os homens. A maioria das mães, mesmo estando ocupadas, ainda assim encontra tempo para os filhos. A mãe, muitas vezes, assume também o papel de auxiliar do pai, especialmente quando este já não consegue

cumprir com as suas responsabilidades no lar. Nesses momentos, a mãe ergue-se como uma verdadeira força, sustentando a estrutura familiar ao lado do seu esposo.

Um pai não deve ser apenas um "galo na capoeira", impondo-se pela autoridade, gritando ordens para afirmar quem manda. O pai deve ser soberano, sim — mas do amor, do conforto, da alegria — para ser verdadeiramente reconhecido como um pai autêntico, responsável e digno dos seus actos.

A relação entre pai e filho deve ser exemplar, uma história viva e inesquecível. Não uma fantasia, mas uma realidade palpável, construída no quotidiano com verdade, respeito e afeto.

Nós, jovens, enfrentamos inúmeros problemas sociais e económicos. Por vezes, torna-se difícil lidar com tais situações, e é natural que corramos para os nossos pais em busca de apoio, de um conselho, de uma palavra que nos oriente. O meio em que crescemos influencia diretamente o nosso comportamento — tanto para o bem quanto para o mal — e esses comportamentos

moldam o nosso carácter, refletindo-se nas nossas relações futuras.

A relação entre um pai e o seu filho deve assentar numa comunicação afetiva — uma comunicação saudável, repleta de carinho, escuta e compreensão. O pai deve ser o elo forte na interação familiar, porque o primeiro passo para manter uma família unida é o diálogo.

Infelizmente, há casos em que os filhos sentem-se acanhados dentro da própria casa. Não têm espaço para expressar-se livremente. Muitos pais, em vez de orientar com amor, preferem dar ordens aos gritos, impondo tarefas como obrigações secas e frias, sem afeto. Ensinar um filho a arrumar a cama, lavar a louça ou fazer os trabalhos escolares não deve ser um ato de opressão, mas de partilha e cuidado. Qualquer tarefa, por mais simples que seja, deve ser feita com amor — pois é o amor que transforma obrigações em gestos significativos.

E como classificar pais cujo filho se sente mais livre na rua do que dentro de casa? Que, quando estão

presentes, tornam-se fontes de opressão, gerando silêncio, timidez e insegurança? É difícil compreender tal realidade. Será que esses pais carregam consigo a tristeza, a infelicidade, ao ponto de transmitirem isso aos seus próprios filhos?

O mais curioso — e preocupante — é ver estes mesmos pais demonstrarem carinho e atenção aos filhos dos vizinhos, fingindo ser aquilo que não são. Fingem amar quem está fora de casa, mas são incapazes de amar quem está dentro. E quem finge amar aos outros, sem amar a própria família, não ama verdadeiramente — nem a si mesmo.

Existem várias razões para esse tipo de comportamento, sendo as mais comuns: a má relação conjugal, o distanciamento emocional, e a pouca convivência entre pais e filhos. Para evitar que esses comportamentos se perpetuem, é essencial cultivar uma relação saudável, investir no diálogo e fortalecer os laços familiares com amor genuíno.

Uma boa relação entre pais e filhos depende, em grande medida, da comunicação que se estabelece entre eles. Os filhos têm frequentemente necessidade de partilhar angústias, medos, dúvidas. E ninguém melhor do que os pais — que são as pessoas mais próximas, mais confiáveis — para acolher essas inquietações e ajudar a encontrar caminhos de resolução.

Conclusão

A jornada que percorremos nestas páginas não é apenas a história de uma mãe e de um filho — é o reflexo da própria vida, com os seus desafios, sacrifícios e momentos de ternura que nos moldam para sempre. O amor verdadeiro, como o de uma mãe, não se mede pelo que se diz, mas pelo que se faz em silêncio, nos gestos simples e nas escolhas diárias que constroem um futuro melhor.

Que este livro seja um lembrete de que, mesmo diante das maiores dificuldades, a perseverança e a fé podem transformar dor em força, e lágrimas em esperança.

Que cada leitor leve consigo a certeza de que cuidar do outro é um ato de coragem e que amar, de forma genuína, é o maior legado que podemos deixar.

Biografia do Autor

Jaime Domingos Savitutu, nascido aos 15 de Novembro de 2005

Jaime D. Savitutu, 20 anos de idade é um escritor angolano apaixonado pela arte de contar histórias que tocam o coração e despertam a consciência. Com uma escrita marcada pela sensibilidade e pela profundidade emocional, dedica-se a explorar os laços humanos, os desafios da vida e as virtudes que moldam o caráter. Ao longo do seu percurso, Jaime encontrou na literatura um espaço de reflexão e partilha, onde transforma experiências e observações em narrativas capazes de inspirar e motivar. O Desvelo da mãe pelo filho é mais

do que um livro — é um tributo à força silenciosa, ao amor incondicional e à coragem das mães, que moldam o futuro através do cuidado e da esperança. Acreditando que as palavras têm o poder de curar e transformar, Jaime escreve para todos os que procuram compreender a beleza e a complexidade da vida, levando a sua mensagem para além das fronteiras culturais e geográficas.

✉ **E-mail: autor.jaimesavitutu@gmail.com**

📱 **WhatsApp: +244 930151195**

"É preciso coragem para amar, pois o amor traz consigo o medo de perder quem nos é precioso."

— Jaime D. Savitutu